

Mapeamento das condições de trabalho dos jornalistas dos veículos on-line de Campo Grande, Mato Grosso Do Sul¹

Eduardo Rafael FREGATTO²

Daniela Cristiane OTA³

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS

RESUMO

A proposta deste artigo é mapear e discutir as condições de trabalho e a precarização do jornalismo on-line de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. A crise do modelo de negócios do jornalismo, os avanços tecnológicos e a flexibilização do trabalho vêm afetando a qualidade das notícias e a saúde dos profissionais. A pesquisa realizou entrevistas em profundidade com dez jornalistas dos portais Campo Grande News e Midiamax. Apesar de terem direitos trabalhistas assegurados, os profissionais descrevem uma rotina cansativa, com relatos de assédio moral e impactos na saúde. Alguns mantêm otimismo quanto ao papel essencial do jornalismo, embora a maioria considere mudar de carreira.

PALAVRAS-CHAVE: rotinas de trabalho no jornalismo; precarização; adoecimento; jornalismo on-line; jornalismo regional.

Introdução

O mundo do trabalho do jornalismo tem passado, ao longo das últimas décadas, por uma série de mudanças profundas e complexas. A crise no modelo de negócios do jornalismo, os avanços tecnológicos e a flexibilização dos acordos de trabalho alteraram fundamentalmente a maneira como as notícias são produzidas, disseminadas e consumidas. E, em meio a essas transformações, surge uma questão preocupante que tem impactado de maneira significativa a profissão: a precarização das condições de trabalho. A crescente precarização no jornalismo não apenas afeta a qualidade das notícias e a integridade do campo, mas também contribui para o adoecimento de profissionais.

Este cenário de precarização do trabalho já vem sendo discutido em pesquisas acadêmicas nos últimos anos, mas a maioria das pesquisas brasileiras se debruça sobre a realidade dos locais em que se concentra a indústria de mídia: a região Sudeste. Nosso objetivo, então, é investigar acerca das condições de trabalho e da precarização da profissão dos jornalistas em redações de portais on-line de Campo Grande, Mato Grosso

¹ Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMS, email: eduardo.fregatto@ufms.br.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMS, email: daniela.ota@ufms.br.

do Sul. Acreditamos que essa pesquisa poderá ajudar a elucidar as condições em que a comunicação e a mídia são produzidas na região Centro-oeste, propiciando melhor entendimento sobre seus processos e impactos.

Fundamentação teórica

O Brasil tem aproximadamente 145 mil jornalistas registrados (Lima *et al*, 2022), e destes cerca de 1,5 mil⁴ estão em Mato Grosso do Sul. Nas últimas décadas, esses profissionais vêm enfrentando diversas transformações resultantes de um processo de flexibilização do trabalho (Harvey, 2014; Antunes, 2011), reestruturações tecnológicas do setor e de uma crise que afeta a indústria da informação jornalística (Muller, 2012). Entre outras consequências, essa crise trouxe a figura do jornalista multimídia ou multifunção (Jorge, 2007), além de uma juvenilização das redações (Figaro; Nonato, 2017) e casos de adoecimento profissional (Heloani, 2005).

Para Antunes (2011), a flexibilização dos processos do trabalho não só alavancou o número de terceirizações, contratos temporários e relações informais, como também promoveu uma corrente cujo objetivo é atingir a máxima flexibilização e desregulação do mercado de trabalho, afetando a efetividade do movimento sindical e dificultando o desenvolvimento de uma consciência de classe entre os trabalhadores. A flexibilização resultou em menos registros na carteira de trabalho (CLT), os autônomos ganham por projetos, trabalhos ou textos, e as relações trabalhistas se transformaram com a proliferação dos “PJs”, ou Pessoas Jurídicas (Figaro; Nonato, 2017).

Segundo dados da pesquisa do Perfil do Jornalista Brasileiro (Lima *et al*, 2022), a precarização avançou significativamente nos últimos anos no país. Houve redução do volume de vínculos CLT e os arranjos precários chegam a 24%. O Censo de Jornalistas⁵ realizado em 2019 pelo Sindjor-MS reforça a ideia de um mercado precarizado: em Mato Grosso do Sul mais de dois terços dos profissionais possuem dois ou mais empregos; é mais que o índice brasileiro e do Centro-Oeste (Lima *et al*, 2022; Lima *et al*, 2023).

⁴ Informação obtida com o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Mato Grosso do Sul (Sindjor-MS) em 08 de maio de 2023.

⁵ O censo realizado em 2019 pelo Sindjor-MS não teve seus resultados divulgados para o público. Os resultados da pesquisa, em link do Google Forms, foram cedidos pelo Sindicato para auxiliar em nossa pesquisa. Foram coletadas 219 respostas de jornalistas espalhados pelo estado de Mato Grosso do Sul.

Para falarmos sobre precarização do jornalismo em Campo Grande, entendemos que é necessário discutir as transformações do mundo do trabalho a partir de uma perspectiva geográfica/territorial. Afinal, a produção jornalística da região Centro-Oeste tem características e peculiaridades que a diferenciam da produção do restante do país, especialmente em relação às regiões Sul e Sudeste, onde se concentra a indústria da mídia. Diante desta região concentrada de mídia (Deolindo, 2016), Campo Grande ocupa um lugar peculiar: funciona como uma espécie de região concentrada em relação ao interior de Mato Grosso do Sul, pois é o núcleo midiático do estado; já no âmbito da região Centro-Oeste, não é a região de maior destaque especialmente em relação ao Distrito Federal, onde há uma concentração midiática notável devido à capital nacional Brasília. E ainda, no contexto nacional, a capital sul-mato-grossense, distante da chamada região concentrada, torna-se uma mídia regional, do interior do país.

Segundo Camponez (2002), as características que melhor definem a imprensa regional são uma forte territorialização, a territorialização dos seus públicos, a proximidade face aos agentes e às instituições sociais que dominam esse espaço, o conhecimento dos seus leitores e das temáticas correntes na opinião pública local. Correia (2000) defende que o jornalismo regional tem traços típicos do jornalismo pré-industrial:

Referimo-nos à conexão escassa com a publicidade, a uma relação forte entre as elites locais e os media, a uma ênfase no artigo de opinião e na colaboração externa, (...) a presença de marcas discursivas que remetem para formas de sociabilidade que pressupõem um saber comum partilhado pelos produtores de mensagens e pelos públicos, o conhecimento recíproco e partilhado pelos produtores e receptores quanto aos factos e realidades que servem de referentes para as mensagens jornalísticas. (Correia, 2000).

Apesar destas diferenças entre o jornalismo de abrangência nacional e o regional, há algo que faz parte da formação e manutenção de ambos, que é uma forte concentração dos meios de comunicação nas mãos de poucos proprietários (Lelo, 2019; Pinto, 2013).

Metodologia

Para cumprir os objetivos propostos, optou-se por realizar um estudo de caso das condições de trabalho nos jornais on-line campo-grandenses Campo Grande News e Midiamax. Este método é caracterizado "pelo estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita o seu amplo e detalhado conhecimento" (Gil,

2002, p. 58). Quanto à fase de coleta dados, foram realizadas entrevistas de profundidade, que permitiram liberdade para a entrevista se moldar no percorrer do diálogo (Yin, 2015).

O jornalismo on-line foi escolhido tanto por sua relevância na indústria da mídia atual como também pelo fato de a tecnologia ser apontada como um dos fatores que potencializam a precarização (Lima, 2015). Os portais escolhidos representam os dois maiores sites de jornalismo do estado de Mato Grosso do Sul que, somados, recebem uma média mensal de mais de 2 milhões de visitas orgânicas (Ubersuggest⁶, 2023).

Análise

O estudo buscou compreender, por meio de um questionário qualitativo aplicado em entrevistas em profundidade, quais são as condições de trabalho nas redações de on-line de Campo Grande e os impactos dessas condições nos jornalistas. Seleccionamos dez profissionais, sendo cinco empregados no portal de notícias Campo Grande News e cinco no portal Midiamax. Contudo, como se trata de um mercado de trabalho pequeno, cinco dos dez entrevistados já trabalharam, em períodos recentes, em ambos os jornais.

O tempo de atuação e a idade dos jornalistas são variados, desde recém-formados até profissionais com décadas de experiência, porém as idades exatas e os nomes não serão revelados devido à preocupação dos entrevistados com o sigilo das suas identidades. A vasta maioria atua como repórter, e também há editores. O questionário tem três seções: a primeira trata do perfil e direitos assegurados; a segunda das rotinas de trabalho, e a última dos impactos da precarização.

Identificação	Empresa	Gênero	Vínculo
Entrevistada 1 (E1)	Campo Grande News e Midiamax	Feminino	CLT
Entrevistada 2 (E2)	Campo Grande News	Feminino	CLT
Entrevistada 3 (E3)	Campo Grande News e Midiamax	Feminino	CLT
Entrevistado 4 (E4)	Campo Grande News	Masculino	CLT
Entrevistado 5 (E5)	Campo Grande News	Masculino	CLT
Entrevistada 6 (E6)	Campo Grande News e Midiamax	Feminino	CLT
Entrevistado 7 (E7)	Campo Grande News e Midiamax	Masculino	CLT
Entrevistada 8 (E8)	Campo Grande News e Midiamax	Feminino	CLT
Entrevistada 9 (E9)	Midiamax	Feminino	CLT
Entrevistada 10 (E10)	Midiamax	Feminino	CLT

As duas primeiras entrevistas foram realizadas presencialmente e as restantes por chamadas de vídeo. No universo consultado, 100% dos jornalistas trabalham com registro

⁶ Disponível em: <https://neilpatel.com/br/ubersuggest/>. Acesso em 30 de outubro de 2023.

em carteira, porém sete dos dez entrevistados realizam trabalhos como freelancer ou mantém um segundo emprego em vínculo precário. Uma das entrevistadas, E9, acumula mais dois empregos em contrato de pessoa jurídica para complementar renda. “É triste ter que trabalhar em vários empregos para você conseguir ganhar bem em uma profissão que você escolheu”, relata. E9 diz que pretende dar “uma pausa” devido ao cansaço, porém a rotina intensa pode ser “viciante”. A cultura profissional do jornalismo é obsessiva e frenética: “O jornalista casa-se com a profissão; o jornalismo exige dedicação total; o jornalista trabalha 24 horas por dia” (Traquina, 2005, p. 51).

A segunda seção do questionário tratou da estrutura física e rotina das empresas. Um dos pontos mais abordados pelos entrevistados é o clima de pressão dentro das redações. Trata-se da necessidade da atualização contínua (Palacios, 2003) dos portais de notícias. Esse clima de cobrança e urgência afeta não só a qualidade da oferta noticiosa como também a saúde e o emocional do trabalhador (Dantas, 2019). A jornalista E1 descreve uma rotina de pressão e retaliação:

Eles [editores e proprietário] ficavam gritando na redação “quem que tá postando? O site tá atrasado”. Você tá escrevendo calmamente uma matéria, aí alguém grita, você começa a escrever rápido, aí muitas vezes vai pro ar com erro porque você não teve tempo de revisar, e aí você é massacrado. (E1)

Conforme Vieira e Christofolletti (2014), a pressa na publicação dos conteúdos é um dos fatores que causam erros jornalísticos cotidianamente. Ainda, quando a jornalista menciona o termo “massacrado”, ela expõe um ambiente em que o assédio moral faz parte da rotina de trabalho. O assédio pode ser descrito como uma série de humilhações realizadas, por vezes repetidamente, contra o trabalhador (Reimberg, 2015). Dos dez entrevistados, apenas três disseram nunca terem sofrido assédio moral ou sexual no trabalho, porém todos relatam já terem testemunhado abusos sofridos por colegas. Os outros sete afirmam já terem sofrido assédio moral uma ou diversas vezes:

É muito comum por parte da chefia. Já fomos chamados de lixos. “Eu tenho vergonha de vocês, eu tenho nojo de vocês”. (E4)

Nove dos dez entrevistados revelaram já terem sofrido violência física ou verbal em coberturas. O jornalista E4 conta que, durante os desdobramentos das eleições presidenciais de 2022, ele e um fotógrafo foram cercados, empurrados e ameaçados por manifestantes. A maioria diz que não se sente amparada nem pela empresa nem pelo

sindicato de jornalistas. Outro ponto bastante observado nas entrevistas foi a questão da convergência de mídias (Palacios, 2003), o que resulta na demanda pela figura do jornalista multimídia e multitarefa (Bertolini, 2017).

A última seção do questionário tratou dos impactos da precarização. A maioria não recomendaria a profissão de jornalista para outra pessoa, e os que recomendariam o fariam com muitas ressalvas sobre uma profissão de sacrifícios e salários baixos. A maioria dos entrevistados acredita que o trabalho como jornalista acarretou em problemas de saúde. Foram citados diagnósticos de ansiedade, depressão, síndrome do pânico, síndrome de burnout, estresse, dificuldades de dormir, gastrite e refluxo.

Normal você ver jornalista tomando remédio de tarja preta, porque tem muita cobrança. Cobrança do público te criticando, cobrança de agilidade, cobrança de fonte, é cobrança de todos os lados e ganhando pouco. (E9)

Segundo o pesquisador e psicólogo Roberto Heloani (2005), "o estresse nesta área advém, sobretudo, do trabalho que faz do jornalismo uma profissão de risco e também de morte precoce" (Heloani, 2005). Mesmo ainda nutrindo sentimentos de admiração e vocação pelo jornalismo, a maioria dos jornalistas deseja mudar de área. Devido à falta de folgas, E2 diz estar cansada de viver "a vida pela metade".

Considerações finais

As entrevistas evidenciam um cenário de precarização do trabalho, desmotivação e adoecimento profissional. Apesar de terem carteira assinada e direitos trabalhistas assegurados, os jornalistas campo-grandenses buscam outros arranjos precários para complementar a renda. A rotina de trabalho é marcada por casos de assédio moral e violência nas coberturas, e os profissionais cumprem as inúmeras atribuições do "jornalista multimídia". A proximidade dos proprietários dos veículos, que pode ser considerada uma característica mais comum ao jornalismo regional, é vista como um ponto negativo. Os jornalistas sentem a desvalorização da profissão e desejam trocar de ofício, e a maioria recebeu diagnósticos relacionados ao estresse da rotina.

A partir desta análise preliminar dos dados, foi possível mapear as condições de trabalho das redações de jornalismo on-line de Campo Grande e começar a desvendar os impactos da precarização, porém uma análise mais aprofundada será necessária para compreender, de forma mais ampla, todas as particularidades desse cenário e seus efeitos.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?**: Ensaio sobre as metamorfoses do mundo do trabalho. 16 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BERTOLINI, Jeferson. **JORNALISTA MULTIMÍDIA E MULTITAREFA: O PERFIL CONTEMPORÂNEO DO TRABALHO PRECÁRIO NO JORNALISMO**. Animus, v. 16 n 31, 2017.

CAMPONEZ, Carlos. **Jornalismo de proximidade**. Coimbra, MinervaCoimbra, 2002.

CORREIA, João. “**O poder do jornalismo e a mediatização do espaço público**”, in Nelson Traquina (org.), Revista de Comunicação e Linguagens, no 27 (Jornalismo 2000), Lisboa, Relógio d’Água, 2000.

DANTAS, Juliana Bulhões Alberto. **O impacto das condições de trabalho e da precarização da profissão na vida do jornalista**. Tese (Doutorado em Comunicação) -UNB. Brasília. 2019.

DEOLINDO, Jacqueline da Silva. **Regiões jornalísticas: uma abordagem locacional e econômica da mídia do interior fluminense**. Tese (Doutorado em Comunicação) – UERJ. Rio de Janeiro. 2016.

FIGARO, R.; NONATO, C. **Novos ‘arranjos econômicos’ alternativos para a produção jornalística**. Contemporânea, v.15 n.1, p 47-63, 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, Atlas, 2002.

JORGE, T.M. **A notícia em mutação**. Estudo sobre o relato noticioso no jornalismo digital. Tese de doutorado. Brasília: UnB, ago. 2007.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 25. ed. São Paulo: Edições Loyola Jesuitas, 2014.

HELOANI, José Roberto. **Vivendo no limite: quem são nossos formadores de opinião?** Revista da USP, São Paulo, n.65, p. 148-168, março/maio 2005.

LELO, Thales Vilela. (2019). **O sofrimento ético no mundo do trabalho dos jornalistas**. *E-Compós*, 23. Disponível em: <<https://doi.org/10.30962/ec.1843>>. Acesso 07 set 2023.

LIMA, Samuel Pantoja. **A precarização do trabalho e a saúde dos jornalistas brasileiros**. In: Anais do III Mejor - Colóquio Internacional Mudanças Estruturais no Jornalismo: os silêncios do Jornalismo. Florianópolis, 2015.

LIMA, S. *et al.* **Perfil do Jornalista Brasileiro**: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2021. Florianópolis: Insular, 2022.

LIMA, S. *et al.* **Perfil do Jornalista do Centro-Oeste 2023**. Florianópolis: Insular, 2023.

MULLER, Carlos Alves. **A crise estrutural dos jornais e o surgimento das mídias digitais**: impactos sobre a produção jornalística. In: PEREIRA, Fábio Henrique; MOURA, Dione Oliveira; ADGHIRNI, Zélia Leal (Orgs.). *Jornalismo e Sociedade: Teorias e metodologias*. Florianópolis: Insular, 2012.

PALÁCIOS, Marcos. **O que há de (realmente) novo no Jornalismo online?** In: MACHADO, Elias & PALACIOS, Marcos (Orgs), *Modelos do Jornalismo Digital*, Salvador: Editora Calandra, 2003.

PINTO, Pâmera Araujo. **Mídia regional**: nem menor, nem maior, um elemento integrante do sistema midiático do Brasil. *Ciberlegenda*, n 29, 2013. Disponível em <<https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-0593-1.pdf>>. Acesso em 01 set 2023.

PONTES, F. S. **Desigualdades estruturais de gênero no trabalho jornalístico**: o perfil das jornalistas brasileiras. *E-COMPÓS (BRASÍLIA)*, v. 20, p. 1-15, 2017.

REIMBERG, Cristiane. **O exercício da atividade jornalística na visão dos profissionais**: sofrimento e prazer na perspectiva teórica da psicodinâmica do trabalho. 2015. Tese (Doutorado em Comunicação), Programa Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transacional. 2. ed. Florianópolis: Insular Ltda, 2005.

VIEIRA, Livia de Souza; CHRISTOFOLETTI, Rogério. Reflexões sobre o erro jornalístico em quatro portais noticiosos de referência. **Revista Verso e Reverso**, vol XXVIII, n. 68, maio-agosto 2014, p. 91 a 100, 2014. Disponível em: <<https://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2014.28.68.04>>. Acesso 10 set 2023.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.